



TAMPA LIFE CHURCH

ÁRVORES

O Que Fazer Quando Deus Te Tocou, Mas as Coisas Ainda Estão Confusas

Marcos 8:22-25 | NVI

Introdução

Texto Principal

Marcos 8:22-25 (NVI)

Quando chegaram a Betsaida, algumas pessoas trouxeram um cego a Jesus e lhe pediram que o tocasse. Ele tomou o cego pela mão e o conduziu para fora da aldeia. Depois de cuspir nos olhos dele e colocar as mãos sobre ele, Jesus lhe perguntou: Você está vendo alguma coisa? Ele olhou para cima e disse: Estou vendo pessoas; parecem árvores andando. Jesus colocou novamente as mãos sobre os olhos dele; então o homem enxergou com nitidez, e sua visão ficou restaurada. Ele estava vendo tudo com clareza.

A maioria dos milagres nas Escrituras acontece de forma imediata. O leproso é curado. O coxo anda. Os mortos ressuscitam. No entanto, Marcos registra um milagre que se desenvolve em etapas. Um homem cego encontra Jesus, recebe um toque e ainda não consegue enxergar com clareza. Sua cegueira desaparece, mas sua visão continua distorcida. Ele consegue ver movimento, mas não consegue interpretar corretamente o que vê. Os homens lhe parecem árvores andando.

Esse milagre fala diretamente aos crentes que experimentaram o toque de Deus, mas que ainda se encontram lutando com confusão, decepção, pensamento distorcido, feridas emocionais ou transformação incompleta. Eles já não estão onde costumavam estar, mas ainda não chegaram onde desejam estar. O milagre de Marcos 8 nos ensina que Deus não está apenas interessado em começar uma obra em nós; Ele está comprometido a terminá-la.

O que acontece quando Jesus te toca e as coisas ainda estão confusas? O que você faz quando sabe que Deus agiu em sua vida, mas a clareza ainda não chegou por completo? A resposta se encontra no caminho desse homem cego.

Minha Reflexão

SEÇÃO 1

A Teologia da Fé Emprestada

Marcos 8:22 (NVI)

Quando chegaram a Betsaida, algumas pessoas trouxeram um cego a Jesus...

O milagre começa com uma pequena palavra que carrega um enorme significado: trouxeram. Antes que Jesus toque no homem cego, antes que o homem expresse fé, antes que a visão seja restaurada, alguém decide que não o deixará onde o encontrou. Toda a história começa porque pessoas comuns se envolveram na luta de outra pessoa.

Isso revela um princípio importante do reino. Deus frequentemente escolhe iniciar milagres através da fé de outros. Ao longo das Escrituras vemos amigos carregando um paraplégico até Jesus, um centurião buscando cura para um servo, Jairo intercedendo por sua filha e familiares suplicando por seus entes queridos. Repetidamente, Deus permite que a fé de uma pessoa se torne a ponte para o avanço de outra.

Há temporadas na vida em que as pessoas não conseguem gerar fé suficiente para continuar. A decepção as esgotou. O fracasso as desanimou. O trauma as exauriu. A cegueira espiritual as convenceu de que a mudança é impossível. Durante esses momentos, Deus frequentemente envia alguém que crerá quando elas não conseguem crer, que orará quando elas não conseguem orar e que as carregará quando elas não conseguem se carregar.

A cegueira espiritual é particularmente perigosa porque impede que as pessoas reconheçam tanto sua condição quanto sua solução. O homem cego não conseguia navegar independentemente seu caminho até Jesus porque sua condição limitava sua perspectiva. O pecado e o quebrantamento frequentemente operam da mesma forma. As pessoas se acostumam tanto com sua disfunção que ela começa a parecer normal. Elas se adaptam à escuridão. Aprendem a sobreviver nela. Eventualmente param de imaginar que algo poderia ser diferente.

É por isso que o ministério importa. O verdadeiro ministério não é meramente ensinar, pregar ou cantar. Em sua essência, o ministério é recusar-se a ser espectador. É ver alguém preso na escuridão e decidir que sua condição não será ignorada. As pessoas sem nome nessa história não podiam curar o homem, mas podiam levá-lo ao Único que podia. Esse é o chamado de todo crente.

Muitos cristãos subestimam o poder do convite, da oração, do encorajamento e da intercessão. No entanto, alguns dos maiores milagres nas Escrituras começaram porque alguém se importou o suficiente para levar outra pessoa a Jesus. Não somos chamados a ser salvadores. Somos chamados a ser portadores. Pode ser que não consigamos terminar o milagre de outra pessoa, mas Deus frequentemente nos usa para iniciar sua jornada.

O desafio para todo crente é simples: quem está mais perto de Jesus hoje por causa da sua fé? Quem você está carregando? De quem você se recusa a deixar para trás? O milagre de Marcos 8 nos lembra que às vezes o maior ato de fé é simplesmente pegar alguém pela mão e levá-lo a

Cristo.

Minha Reflexão

SEÇÃO 2

Por Que Jesus o Tirou Antes de Curá-lo

Marcos 8:23 (NVI)

Ele tomou o cego pela mão e o conduziu para fora da aldeia...

Um dos detalhes mais fascinantes desse milagre é que Jesus não cura o homem imediatamente. Em vez disso, toma sua mão e o leva para fora de Betsaida. À primeira vista, isso parece desnecessário. Afinal, Jesus curou pessoas em ruas movimentadas, sinagogas, casas e praças de mercado. Seu poder nunca foi limitado pela geografia. Se podia curar em qualquer lugar, por que tirar o homem da cidade antes de restaurar sua visão?

A resposta revela um profundo princípio espiritual: às vezes o ambiente que rodeia uma pessoa se torna parte do problema que Deus está tentando resolver.

Betsaida não era uma cidade comum. Era um lugar que havia testemunhado demonstrações extraordinárias do poder de Deus. Milagres haviam acontecido ali. Obras poderosas haviam sido realizadas ali. No entanto, apesar da exposição repetida à atividade divina, a cidade permaneceu resistente ao arrependimento e à transformação. Jesus posteriormente pronunciou julgamento sobre Betsaida porque havia visto tanto e mudado tão pouco.

Mateus 11:21 (NVI)

'Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Se os milagres que foram realizados em vocês tivessem sido realizados em Tiro e em Sidom, elas já teriam se arrependido há muito tempo, com pano de saco e cinzas.'

Isso revela uma condição espiritual perigosa. É possível familiarizar-se com o sobrenatural sem jamais render-se a ele. É possível testemunhar milagres sem experimentar transformação. É possível viver perto da presença de Deus enquanto resiste à obra de Deus.

Betsaida havia se tornado um ambiente onde a exposição substituíra a obediência. As pessoas viam milagres, falavam de milagres, celebravam milagres, mas muitas nunca permitiram que esses milagres as mudassem. A atmosfera havia se saturado de evidências, mas carecia de arrependimento. Jesus entendeu que antes de restaurar a visão desse homem cego, primeiro era necessário removê-lo de um ambiente que normalizava a resistência espiritual.

Esse princípio continua relevante hoje. Nem todo ambiente é neutro. Os lugares moldam as pessoas. As conversas moldam as pessoas. Os relacionamentos moldam as pessoas. As atmosferas moldam as pessoas. Aquilo a que nos expomos repetidamente acaba influenciando como pensamos, o que esperamos e o que acreditamos ser possível. Todo ambiente carrega uma cultura, e toda cultura nos ensina algo.

- *Alguns ambientes ensinam fé. Outros ensinam medo.*
- *Alguns ambientes cultivam esperança. Outros cultivam cinismo.*
- *Alguns ambientes fomentam o crescimento. Outros recompensam a estagnação.*
- *Alguns ambientes desafiam a disfunção. Outros a acomodam.*

Quanto mais tempo uma pessoa permanece em uma atmosfera não saudável, mais normal começa a parecer sua disfunção. Com o tempo, ela deixa de ver sua condição como escravidão e começa a aceitá-la como identidade. O que começou como uma luta se torna um estilo de vida. O que começou como dor se torna personalidade. O que começou como fraqueza se torna normal.

Essa é uma das estratégias mais eficazes do inimigo. Satanás nem sempre precisa destruir as pessoas. Às vezes ele só precisa convencê-las de que nada pode mudar. Se consegue normalizar a cegueira, pode impedir que as pessoas busquem a visão.

Jesus entendeu que a transformação frequentemente exige separação. Antes de mudar a visão do homem, mudou seu ambiente. Antes de abordar o que estava acontecendo dentro dele, abordou o que estava acontecendo ao seu redor. Isso não foi punição. Foi misericórdia. Cristo estava removendo influências que haviam moldado as expectativas do homem por tempo demais.

Muitos crentes pedem a Deus que mude suas vidas enquanto se recusam a deixar os ambientes que continuam produzindo as mesmas lutas. Oram por liberdade mas permanecem conectados ao que os mantém presos. Pedem cura enquanto continuam retornando às conversas, influências, atitudes e relacionamentos que reforçam suas feridas. Desejam nova visão enquanto protegem velhos ambientes.

No entanto, ao longo das Escrituras, a separação frequentemente precede a transformação.

- *Abraão teve que sair de Ur.*
- *Israel teve que sair do Egito.*
- *O filho pródigo teve que sair da terra distante.*
- *Os discípulos deixaram suas redes.*

- Paulo deixou sua antiga identidade.
- E esse homem cego teve que sair de Betsaida.
- Deus frequentemente nos tira antes de nos restaurar.

Há outro belo detalhe nesse versículo. Jesus não ordena ao homem que encontre seu próprio caminho para fora da cidade. O homem cego não conseguia navegar esse caminho sozinho. Em vez disso, Jesus toma sua mão e o guia.

Que imagem de graça.

- O homem não pode ver para onde vai, mas Jesus pode.
- O homem não entende o processo, mas Jesus entende.
- O homem não consegue reconhecer por que a separação é necessária, mas Jesus sabe.

Às vezes Deus nos guia a temporadas que não entendemos. Remove confortos familiares. Muda relacionamentos. Fecha portas. Altera circunstâncias. Durante esses momentos, pode parecer confuso porque ainda não conseguimos ver o que Ele vê. No entanto, a mão que nos guia é a mesma mão que pretende nos curar.

O homem cego pode não ter entendido por que estava deixando Betsaida, mas logo descobriria que a separação não estava atrasando seu milagre. A separação estava o preparando para ele.

O mesmo frequentemente é verdade em nossas vidas. O que parece perda pode ser na verdade preparação. O que parece remoção pode ser na verdade proteção. O que parece um fim pode ser na verdade o primeiro estágio da cura.

Antes de Jesus restaurar a visão do homem, mudou seu ambiente. Às vezes o primeiro milagre não é a cura. Às vezes o primeiro milagre é ser guiado para fora do lugar que o mantinha cego.

Minha Reflexão

SEÇÃO 3

Viver Perto de Milagres Sem Se Tornar Um

Mateus 11:21 (NVI)

'Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Se os milagres que foram realizados em vocês tivessem sido realizados em Tiro e em Sidom, elas já teriam se arrependido há muito tempo, com pano de saco e cinzas.'

Uma das realidades mais solenes nas Escrituras é que a exposição a Deus não produz automaticamente transformação. Essa é a tragédia de Betsaida. Não era uma cidade que carecia de revelação. Era uma cidade afogando-se em revelação. Não era uma cidade que carecia de milagres. Era uma cidade cercada de milagres. O problema não era o que haviam visto. O problema era no que se recusavam a se tornar.

Essa verdade desafia uma suposição comum entre os crentes. Muitas vezes assumimos que se as pessoas pudessem simplesmente testemunhar milagres suficientes, ouvir pregação suficiente, assistir a cultos suficientes ou experimentar suficientemente a presença de Deus, a transformação seguiria naturalmente. No entanto, Betsaida se ergue como um aviso contra essa ideia. As pessoas haviam visto evidências suficientes para mudar suas vidas para sempre, mas muitas permaneceram espiritualmente inalteradas.

O coração humano possui uma incrível capacidade de se familiarizar com o que deveria maravilhá-lo. O que uma vez inspirou admiração pode eventualmente se tornar rotina. O que uma vez despertou gratidão pode se tornar esperado. O que uma vez causou tremor pode se tornar ordinário. Esse é um dos maiores perigos na vida espiritual. Quanto mais tempo ficamos perto de coisas santas, mais fácil se torna perder nossa admiração.

Os israelitas experimentaram isso repetidamente. A geração que atravessou o Mar Vermelho eventualmente reclamou do maná. As pessoas que testemunharam água brotando de uma rocha ainda duvidavam da provisão de Deus. A nação que viu o Monte Sinai coberto de glória divina eventualmente construiu um bezerro de ouro. Os milagres sozinhos não transformam as pessoas. A transformação exige rendição.

É por isso que Jesus tirou o homem cego de Betsaida. Estava tirando-o de uma atmosfera onde as pessoas haviam aprendido a observar o poder de Deus sem se submeter à autoridade de Deus. A cidade havia se tornado um lugar onde os milagres eram discutidos mas não internalizados, celebrados mas não obedecidos, admirados mas não abraçados. O perigo não era a ignorância. O perigo era a familiaridade.

Muitos crentes enfrentam a mesma tentação hoje. É possível frequentar a igreja regularmente, ouvir pregação poderosa, testemunhar vidas sendo transformadas e ainda permanecer

pessoalmente inalterado. É possível celebrar o avanço de outra pessoa enquanto negligencia a própria necessidade de transformação. É possível se tornar espectador de um avivamento em vez de participante nele.

Há uma diferença sutil entre estar perto de um mover de Deus e permitir que um mover de Deus aconteça dentro de você. Um implica observação. O outro implica rendição. A observação não exige nada. A rendição custa tudo.

É por isso que o avivamento não pode ser medido meramente por presença, emoção, sentimento ou mesmo milagres visíveis. O verdadeiro avivamento é medido por arrependimento, obediência e transformação. O propósito final do poder de Deus não é nos impressionar. É nos mudar. Cada milagre é um convite para nos tornarmos algo diferente do que éramos antes.

O homem cego poderia ter ficado em Betsaida e continuado ouvindo histórias de milagres. Poderia ter ouvido testemunhos. Poderia ter celebrado o que Jesus estava fazendo pelos outros. No entanto, nada disso teria restaurado sua visão. Eventualmente ele teve que passar de estar perto do milagre para se tornar o milagre.

A mesma decisão confronta todo crente. Chega um momento em que devemos parar de viver dos testemunhos de outras pessoas e permitir que Deus escreva um em nossas próprias vidas. Chega um momento em que devemos parar de admirar a transformação à distância e nos submeter à obra transformadora de Deus. Chega um momento em que devemos parar de falar de avivamento e permitir que o avivamento alcance os lugares ocultos de nossos corações.

Um dos lugares mais perigosos que um crente pode ocupar é um lugar de proximidade espiritual sem participação espiritual. É possível estar perto do fogo sem jamais ser consumido por ele. É possível ouvir a verdade sem obedecê-la. É possível celebrar a liberdade enquanto permanece preso.

- *Betsaida nos ensina que estar perto dos milagres não é suficiente.*
- *Devemos nos tornar o que a presença de Deus está tentando produzir dentro de nós.*
- *A cidade viu milagres mas permaneceu inalterada.*
- *O homem cego saiu da cidade e se tornou o milagre.*
- *A pergunta que todo crente deve se fazer não é: já vi Deus agir?*
- *A pergunta real é: o que vi me transformou?*
- *Porque o objetivo do poder de Deus nunca foi a informação.*
- *O objetivo do poder de Deus é a transformação.*
- *E há uma enorme diferença entre viver perto de milagres e se tornar um.*

Minha Reflexão

SEÇÃO 4

Os Ambientes Que Nos Ensinam a Permanecer Cegos

Marcos 8:23 (NVI)

Ele tomou o cego pela mão e o conduziu para fora da aldeia...

Quanto mais examinamos esse milagre, mais notáveis se tornam as ações de Cristo. Jesus poderia ter curado o homem cego imediatamente ao chegar. Poderia ter pronunciado uma palavra. Poderia tê-lo tocado no meio da cidade. Poderia ter demonstrado Seu poder publicamente diante de toda a população de Betsaida. Em vez disso, deliberadamente tirou o homem do ambiente antes de abordar sua condição.

Isso nos ensina uma verdade desconfortável: às vezes a cegueira é sustentada não apenas pelo que há de errado dentro de nós, mas pelo que nos cerca.

Os seres humanos são profundamente moldados por seus ambientes. Muito antes de tomarmos decisões conscientemente, nosso ambiente influencia nossas expectativas, atitudes, crenças e comportamentos. Aprendemos o que é normal com as pessoas ao nosso redor. Aprendemos o que é aceitável com a cultura que nos cerca. Aprendemos o que é possível com as vozes que ouvimos repetidamente. Com o tempo, essas influências se tornam tão familiares que paramos de questioná-las completamente.

Essa realidade é visível ao longo das Escrituras. Os israelitas passaram séculos no Egito. Mesmo depois que Deus os libertou fisicamente, o Egito permaneceu vivo neles mentalmente. Embora seus corpos tivessem deixado a escravidão, a escravidão ainda não havia deixado suas mentes. Continuamente ansiavam pelo que Deus os havia resgatado. Romantizavam seu cativeiro. Questionavam sua liberdade. Lutavam para confiar no Deus que os havia libertado porque o Egito havia os treinado em como pensar.

Muitos crentes experimentam a mesma luta. Deus os liberta de certos pecados, hábitos e estilos de vida, mas os padrões de pensamento desenvolvidos nesses ambientes permanecem. Suas

circunstâncias mudam mais rápido do que suas perspectivas. Sua localização muda mais rápido do que sua mentalidade. Sua confissão muda mais rápido do que suas expectativas.

É por isso que algumas pessoas continuam vivendo como cativos muito depois de terem sido libertadas.

O inimigo entende que se não consegue mantê-lo preso fisicamente, tentará mantê-lo preso mentalmente. Trabalhará incansavelmente para convencê-lo de que seu passado é sua identidade, que seus fracassos são seu futuro e que suas limitações são permanentes. Seu objetivo não é meramente mantê-lo cego. Seu objetivo é fazer a cegueira parecer normal.

Um dos momentos mais perigosos na vida de uma pessoa ocorre quando ela para de lutar contra sua disfunção e começa a acomodá-la. No início, a disfunção parece desconfortável. Depois se torna familiar. Eventualmente se torna esperada. O que uma vez parecia anormal lentamente se torna ordinário.

- *A amargura se torna personalidade.*
- *O medo se torna sabedoria.*
- *A ansiedade se torna identidade.*
- *O vício se torna estilo de vida.*
- *O quebrantamento se torna normal.*
- *O que começou como uma luta se torna uma lente através da qual tudo é interpretado.*

Quanto mais tempo as pessoas permanecem em ambientes não saudáveis, mais se adaptam a esses ambientes. Desenvolvem mecanismos de defesa. Aprendem estratégias de sobrevivência. Constroem muros emocionais. Baixam suas expectativas. Criam explicações de por que as coisas nunca vão mudar. Em vez de buscar cura, tornam-se especialistas em administrar a dor.

Essa é uma das razões pelas quais Jesus não simplesmente curou o homem em Betsaida. Ele não estava apenas abordando a cegueira física. Estava confrontando a atmosfera que havia ensinado o homem a viver com a cegueira.

Há uma diferença significativa entre sobreviver à cegueira e receber a visão.

Muitas pessoas aprendem a funcionar com feridas das quais nunca foram curadas. Aprendem a sorrir enquanto sofrem. Aprendem a frequentar a igreja enquanto carregam ressentimento. Aprendem a adorar enquanto batalham secretamente com o desespero. Aprendem a parecer saudáveis enquanto permanecem espiritualmente exaustas. Suas vidas se tornam exercícios de gerenciamento em vez de transformação.

No entanto, Jesus não veio meramente ajudar as pessoas a gerenciar seu quebrantamento.

Ele veio restaurá-las.

O Evangelho não é uma mensagem de gerenciamento. É uma mensagem de transformação.

Com muita frequência a cultura moderna encoraja as pessoas a simplesmente aceitar cada fraqueza, cada disfunção, cada ferida e cada padrão destrutivo como imutável. Embora seja importante entender nossas lutas, Deus nunca pretendeu que o entendimento substituísse a transformação. Cristo não morreu meramente para que pudéssemos explicar nossa escravidão. Ele morreu para que pudéssemos ser libertados dela.

Isso não significa que a transformação aconteça instantaneamente. A história do homem cego demonstra isso. A cura é frequentemente progressiva. O crescimento é frequentemente gradual. A santificação é frequentemente uma jornada. No entanto, a direção do Evangelho é sempre em direção a maior liberdade, maior clareza e maior plenitude.

O homem cego havia passado anos indubitavelmente se adaptando à escuridão. Havia aprendido a navegar a vida sem visão. Havia desenvolvido formas de sobreviver. No entanto, Jesus o amava demais para deixá-lo ali.

E Deus nos ama demais para nos deixar ali também.

Há ambientes, conversas, influências e relacionamentos que reforçam a versão antiga de quem éramos. Nos lembram de nossos fracassos. Despertam velhos medos. Agitam velhos anseios. Nos puxam para velhas identidades. O Espírito Santo frequentemente nos leva para longe dessas influências não porque Deus esteja nos restringindo, mas porque está nos preparando para maior clareza.

Muitos crentes oram por visão enquanto permanecem comprometidos com as mesmas influências que a distorcem.

Pedem a Deus que mude o que veem sem permitir que Ele mude o que molda sua visão.

Mas a cura frequentemente começa quando Deus começa a remover o que nos tem ensinado a permanecer cegos.

O homem cego provavelmente não entendia por que Jesus o estava levando para fora da cidade.

Nós também nem sempre entendemos o processo de Deus.

No entanto, a mão que nos leva para longe de ambientes não saudáveis é a mesma mão que pretende restaurar nossa visão.

Às vezes Deus nos tira do familiar porque o familiar nos tem mantido cegos.

E às vezes o maior ato de misericórdia não é o que Deus nos dá.

É do que Deus nos afasta.

Minha Reflexão

SEÇÃO 5

O Deus Que Ofende Nossas Preferências

Marcos 8:23 (NVI)

Depois de cuspir nos olhos dele e colocar as mãos sobre ele, Jesus lhe perguntou se estava vendo alguma coisa.

Um dos aspectos mais surpreendentes desse milagre não é que Jesus curou o homem, mas como escolheu curá-lo. Ao longo dos Evangelhos, Cristo curou pessoas de diversas maneiras. Às vezes falou uma palavra. Às vezes os tocou. Às vezes ordenou que agissem. No entanto, nesse momento, depois de levar o homem cego para fora de Betsaida, Jesus faz algo que parece estranho e até desconfortável. Cospe nos olhos do homem e depois coloca Suas mãos sobre ele. O método parece incomum porque era. Se somos honestos, desafia nossas expectativas de como Deus deveria agir. No entanto, essa é precisamente uma das lições ocultas dentro desse milagre. Deus frequentemente realiza Sua maior obra através de métodos que ofendem a preferência humana. Muitas vezes queremos que Deus aja segundo nossos planos, nossa lógica e nossas expectativas. Queremos milagres, mas os queremos embalados de formas que façam sentido para nós. Queremos cura sem desconforto, transformação sem rendição e vitória sem processo. No entanto, ao longo das Escrituras, Deus demonstra repetidamente que Seus métodos não estão sujeitos à aprovação humana.

O problema não é que duvidemos do poder de Deus. A maioria dos crentes não tem dificuldade em crer que Deus pode realizar milagres. A luta mais profunda é confiar nEle quando escolhe um caminho que nós não teríamos selecionado. Naamã lutou com isso quando Eliseu lhe instruiu que se lavasse no rio Jordão. A questão nunca foi se Deus podia curá-lo. A questão foi se Naamã se submeteria a um processo que ofendeu seu orgulho. Os israelitas lutaram com isso quando Deus os guiou pelo deserto em vez de diretamente para a Terra Prometida. Os discípulos lutaram com isso quando o Messias que esperavam conquistar Roma escolheu em vez disso uma cruz. A natureza humana continuamente busca um Deus que aja segundo nossas expectativas, enquanto as Escrituras continuamente revelam um Deus cuja sabedoria as transcende. O homem cego de

Marcos 8 foi forçado a confiar em um Salvador cujos métodos não conseguia entender. Antes que sua visão pudesse ser restaurada, sua preferência teve que se render.

Há algo profundamente pessoal acontecendo nesse momento. Jesus não está curando à distância. Não está parado do outro lado da rua emitindo um comando. Não está meramente pronunciando palavras ao ar. Está diretamente envolvido com o lugar do quebrantamento do homem. Os olhos que não funcionam mais corretamente se tornam o lugar mesmo onde Cristo escolhe agir. A cegueira não é evitada. É confrontada. A fraqueza não é ignorada. Torna-se o foco da atenção divina. Isso revela algo belo sobre o caráter de Deus. Ele não se intimida com as áreas de nossas vidas que estão quebradas. Os lugares que frequentemente escondemos são frequentemente os lugares onde Deus deseja agir mais profundamente. As feridas que tentamos cobrir são frequentemente as feridas que Ele pretende curar. As lutas que esperamos que ninguém note são frequentemente os lugares onde Sua graça deseja se manifestar com maior poder.

Muitas pessoas passam anos tentando gerenciar aparências em vez de buscar transformação. Tornam-se habilidosas em parecer saudáveis enquanto carregam feridas ocultas. Aprendem a aparecer fortes enquanto batalham em particular com o medo. Aprendem a falar a linguagem da fé enquanto lutam com dor não resolvida. No entanto, Jesus nunca realiza milagres superficiais. Ele não apenas melhora as aparências. Aborda as causas raiz. Vai além dos sintomas e chega aos lugares que precisam de restauração genuína. É por isso que Seus métodos frequentemente parecem desconfortáveis. O conforto raramente produz transformação. A rendição sim. O homem cego não podia ditar o processo. Não podia negociar o método. Não podia dizer a Jesus como o milagre deveria se desenvolver. Simplesmente se colocou nas mãos do Salvador e confiou nEle para fazer o que somente Ele podia fazer.

Esse princípio continua essencial para todo crente. Há temporadas em que Deus age de formas que não entendemos completamente. Pode nos pedir que perdoemos quando preferiríamos nos agarrar ao ressentimento. Pode nos chamar à humildade quando nossa carne deseja vindicação. Pode requerer paciência quando desesperadamente queremos respostas imediatas. Pode nos guiar através de processos que parecem mais lentos do que preferimos. Durante esses momentos, a questão não é se Deus está agindo. A questão é se confiamos nEle o suficiente para nos rendermos ao processo. A fé não é meramente crer que Deus pode fazer algo. A fé é confiar nEle quando Seus métodos não coincidem com nossas expectativas. O homem cego nos ensina que a clareza frequentemente vem após a rendição. O entendimento frequentemente segue a obediência. Deus nem sempre explica Seu processo antes de iniciá-lo.

Talvez a maior lição nessa parte da história seja que Jesus estava mais preocupado com a visão do homem do que com o conforto do homem. O método pode ter parecido estranho, mas o propósito era claro. Tudo o que Cristo estava fazendo estava movendo o homem em direção à restauração. Cada passo do processo era intencional. Cada ação o estava preparando para maior clareza. O mesmo é verdade em nossas vidas. Há momentos em que Deus permite circunstâncias

que desafiam nossas preferências, esticam nossa fé e humilham nosso orgulho. No entanto, Seu objetivo nunca é a humilhação. Seu objetivo é a transformação. Ele está comprometido em nos tornar completos. O milagre não foi projetado para proteger a dignidade do homem cego. O milagre foi projetado para restaurar sua visão. Às vezes Deus desafiará nossas preferências porque nos ama demais para nos deixar sem mudança.

Minha Reflexão

SEÇÃO 6

Sensação Antes da Revelação

Marcos 8:23-24 (NVI)

Depois de cuspir nos olhos dele e colocar as mãos sobre ele, Jesus lhe perguntou: Você está vendo alguma coisa? Ele olhou para cima e disse...

Um dos aspectos mais negligenciados desse milagre é o que aconteceu entre o toque e a clareza. Frequentemente lemos a história rapidamente porque estamos focados no resultado final, mas há um momento significativo se desenvolvendo no meio do processo. Jesus toca o homem, mas a visão completa não vem imediatamente. Algo começa, mas ainda não está completo. O milagre foi iniciado, mas ainda não alcançou sua expressão final. Isso nos ensina um profundo princípio espiritual que aparece ao longo das Escrituras: Deus frequentemente nos permitirá experimentar sensação antes de nos conceder plena revelação. Nos deixará sentir algo antes de entendermos completamente o que Ele está fazendo. Despertará a esperança antes de revelar o resultado. Agitará a fé antes de fornecer a explicação.

Esse padrão é visível ao longo da Bíblia. Abraão recebeu uma promessa décadas antes de segurar Isaque em seus braços. José sonhou com autoridade muito antes de estar diante do Faraó. Moisés sentiu o chamado de Deus muito antes de estar diante da sarça ardente. Davi foi ungido rei muito antes de sentar no trono de Israel. Em cada caso, Deus iniciou algo internamente antes de manifestá-lo externamente. A sensação veio antes do cumprimento. A promessa veio antes da posse. O toque veio antes da clareza.

Muitos crentes se frustram durante essa fase porque confundem incompletude com ausência. Assumem que porque o milagre não está terminado, Deus não deve estar agindo. No entanto, as Escrituras demonstram repetidamente o oposto. Frequentemente a evidência de que Deus está agindo não é que tudo mudou. A evidência é que algo começou a despertar dentro de nós. Surge uma nova fome. Aparece uma esperança fresca. A fé começa a se levantar onde antes vivia o desespero. Começa a crescer em nós um desejo por mais de Deus em lugares que antes pareciam vazios e sem vida. Esses movimentos internos não são insignificantes. Eles são frequentemente os sinais mais precoces de atividade divina.

Isso nos ajuda a entender por que a adoração é tão importante na vida de um crente. A adoração não é meramente expressão emocional. A adoração frequentemente se torna o ambiente onde a sensação espiritual é despertada. Muitas pessoas entram na presença de Deus carregando fardos que não conseguem explicar e perguntas que não conseguem responder. Suas circunstâncias permanecem inalteradas. Seus problemas permanecem não resolvidos. No entanto, algo acontece quando entram na presença de Deus. Começam a sentir esperança novamente. Começam a crer novamente. Começam a sentir que Deus está perto. Nada ao seu redor pode ter mudado, mas algo dentro deles começa a se mover. Esse movimento importa. É frequentemente a primeira evidência de que Deus os está preparando para maior clareza.

O inimigo trabalha incansavelmente para convencer os crentes a desprezar os pequenos começos. Quer que as pessoas descartem cada impulso espiritual, cada momento de convicção, cada agitação de fé e cada vislumbre de esperança. Quer que concluam que se ainda não possuem o milagre completo, então nada significativo aconteceu. No entanto, a história do homem cego nos ensina o contrário. Antes de poder ver claramente, primeiro experimentou o toque de Cristo. Antes de haver revelação, houve interação. Antes de haver entendimento, houve encontro. O próprio toque era evidência de que algo já havia começado.

Muitos crentes podem testemunhar temporadas onde esse princípio se tornou realidade em suas próprias vidas. Entraram a um culto carregando dor, mas saíram carregando esperança. Entraram na oração desanimados, mas se levantaram com fé renovada. Entraram na adoração sobrecarregados, mas partiram com confiança de que Deus ainda estava agindo. Ainda não tinham sua resposta. A montanha não havia se movido. O milagre não havia se manifestado completamente. No entanto, sentiram algo. O Espírito de Deus havia despertado algo dentro deles que previamente havia estado adormecido. Essa sensação se tornou o fundamento sobre o qual uma fé maior poderia ser edificada.

Há também uma lição prática aqui sobre maturidade espiritual. Os crentes maduros aprendem a não desprezar as etapas do processo de Deus. Eles entendem que Deus nem sempre revela tudo de uma vez. Frequentemente dá luz suficiente para o próximo passo em vez de todo o caminho. Fornece encorajamento suficiente para continuar sem necessariamente explicar cada detalhe do futuro. Isso requer confiança. Requer crer que o Deus que começou a obra é capaz de terminá-la.

Requer confiança de que o silêncio divino não é ausência divina e que a incompletude não é abandono.

Talvez seja aqui onde muitos crentes se encontram hoje. Ainda não têm clareza completa. Não conseguem explicar completamente o que Deus está fazendo. Veem evidências de Sua mão, mas ainda não veem todo o panorama. Sentem Sua presença, mas ainda têm perguntas. Percebem movimento, mas anseiam por entendimento. Se isso descreve sua temporada, anime-se. O homem cego nos ensina que a sensação não é inimiga da fé. Frequentemente é o começo dela. O toque de Jesus não foi a conclusão do milagre. Foi o anúncio de que o milagre havia começado.

Deus frequentemente dá sensação antes de dar explicação. Nos permite sentir Sua presença antes de entendermos completamente Seu propósito. Desperta a fé antes de revelar o resultado. Nos deixa experimentar o toque antes de conceder a clareza. E os que aprendem a confiar nEle no meio do processo frequentemente descobrem que o que parecia incompleto era na verdade preparação para algo muito maior do que imaginavam.

Minha Reflexão

SEÇÃO 7

A Psicologia de Olhar Para Baixo

Marcos 8:24 (NVI)

Ele olhou para cima e disse: Estou vendo pessoas; parecem árvores andando.

Um dos detalhes mais notáveis nesse milagre está oculto em quatro palavras simples: olhou para cima. Antes de o homem descrever o que vê, antes de confessar que sua visão continua confusa, antes de explicar a condição de sua vista, as Escrituras nos dizem que ele olhou para cima. Isso pode parecer insignificante à primeira vista, mas revela uma profunda verdade sobre o processo de cura. A primeira evidência de que algo havia mudado não foi que ele via com clareza. A primeira evidência foi que ele olhou para cima. Antes de sua visão ser restaurada, sua postura foi transformada.

A decepção tem uma postura. A dor prolongada tem uma postura. O fracasso repetido tem uma postura. Quando as pessoas experimentam sofrimento suficiente, rejeição suficiente, orações sem resposta suficientes, expectativas adiadas suficientes, frequentemente começam a viver com os olhos baixos. Seus corpos podem continuar funcionando, mas suas expectativas diminuem. Suas orações se tornam menores. Seus sonhos se tornam mais silenciosos. Sua fé se torna mais cautelosa. Elas param de olhar para cima porque olhar para cima passou a se associar com a decepção. A esperança parece perigosa porque a esperança cria a possibilidade de dor.

O escritor de Provérbios entendeu essa realidade quando declarou:

Provérbios 13:12 (NVI)

A esperança adiada enfraquece o coração, mas o desejo realizado é árvore da vida.

Note que as Escrituras não dizem que a esperança negada adoece o coração. Diz a esperança adiada. A dor vem da espera. A luta vem do atraso. O fardo vem de carregar a expectativa por um período prolongado sem ver o cumprimento. Com o tempo, a decepção repetida começa a remodelar como as pessoas pensam. Ensina-as a baixar as expectativas como forma de autoproteção. Sussurra que é mais seguro não esperar demais, mais seguro não sonhar muito grande, mais seguro não crer muito fortemente.

Essa é uma das estratégias mais eficazes do inimigo. Satanás entende que pessoas sem esperança se tornam pessoas passivas. Se não consegue deter as promessas de Deus, tentará destruir nossa expectativa dessas promessas. Se não consegue remover o poder de Deus, tentará nos convencer de que o poder de Deus nunca nos alcançará pessoalmente. Se não consegue silenciar a Deus, tentará silenciar nossa fé. O objetivo do inimigo não é meramente deixar as pessoas tristes. Seu objetivo é fazer com que parem de olhar para cima.

Muitos crentes não estão batalhando a incredulidade tanto quanto estão batalhando o esgotamento. Ainda creem que Deus pode. Simplesmente estão cansados. Cansados de esperar. Cansados de orar. Cansados de carregar fardos que parecem não resolvidos. Cansados de crer por avanços que ainda não chegaram. O esgotamento espiritual é perigoso porque se disfarça de sabedoria. As pessoas começam a dizer coisas como: Estou apenas sendo realista, quando na verdade estão se protegendo da decepção. Chamam isso de maturidade, mas frequentemente é esperança ferida tentando evitar mais sofrimento.

O homem cego de Marcos 8 tinha todas as razões para manter a cabeça baixa. A cegueira havia definido sua vida. A dependência havia se tornado normal. A limitação havia se tornado familiar. No entanto, depois do toque de Jesus, algo mudou. Antes de a clareza chegar, a expectativa despertou. Antes de a visão ser restaurada, a esperança começou a se levantar. Antes de o milagre estar completo, ele olhou para cima.

Assim é frequentemente como Deus age em nossas vidas. O primeiro sinal de cura nem sempre é a remoção do problema. Às vezes o primeiro sinal de cura é o retorno da esperança. Às vezes o primeiro milagre não é a resposta. É a renovada capacidade de crer que uma resposta é possível. Às vezes Deus restaura a expectativa antes de restaurar as circunstâncias. Cura a postura da alma antes de mudar a situação que a cerca.

Há uma razão pela qual Jesus chamava repetidamente as pessoas a olhar além de sua realidade presente. Abraão foi instruído a olhar para as estrelas. Israel foi instruído a olhar para a Terra Prometida. Os discípulos foram instruídos a levantar os olhos porque os campos já estavam brancos para a colheita. Ao longo das Escrituras, visão e expectativa estão intimamente conectadas. O que as pessoas olham frequentemente determina o que acreditam ser possível.

O inimigo quer que os crentes fitem seus fracassos, suas feridas, suas decepções e suas limitações. Quer que olhem para baixo. Cristo continuamente os chama a olhar para cima. Os chama a olhar além das circunstâncias atuais e em direção às possibilidades divinas. Os convida a ver através da lente da fé em vez da lente do medo.

É por isso que a frase olhou para cima carrega tanto significado. A visão do homem ainda era incompleta. Seu milagre ainda estava em processo. Seu entendimento ainda era limitado. No entanto, a esperança havia retornado. Algo dentro dele havia começado a se levantar novamente. O toque de Jesus havia quebrado a postura do desespero.

Talvez seja aqui onde muitos crentes se encontram hoje. Pode ser que ainda não tenham clareza completa. Pode ser que ainda estejam esperando por promessas, respostas e avanços. No entanto, se conseguem orar novamente, crer novamente, esperar novamente e olhar para cima novamente, então algo significativo já aconteceu. O milagre pode não estar completo, mas está em andamento.

- *A primeira evidência de cura não foi que o homem podia ver claramente.*
- *A primeira evidência de cura foi que ele conseguia olhar para cima.*
- *E frequentemente o primeiro sinal de que Deus está restaurando uma vida não é que cada problema desaparece.*
- *É que a esperança começa a viver novamente.*

Minha Reflexão

SEÇÃO 8

A Coragem de Admitir Que Ainda Enxerga Embaçado

Marcos 8:24 (NVI)

Ele olhou para cima e disse: Estou vendo pessoas; parecem árvores andando.

Depois que o homem cego olha para cima, Jesus lhe faz uma pergunta que parece incomum. O Senhor pergunta se ele estava vendo alguma coisa. Em outras palavras: o que você vê? À primeira vista, essa pergunta parece desnecessária. Certamente Jesus já conhecia a condição da visão do homem. Certamente o Único que criou os olhos não precisava de informações sobre se Seu toque havia produzido resultados. No entanto, essa pergunta nunca foi para Jesus. Foi para o homem. Cristo o estava convidando para um momento de avaliação honesta. Antes que o milagre pudesse ser completado, o homem precisava estar disposto a dizer a verdade sobre onde realmente estava.

Esse é um dos aspectos mais difíceis do crescimento espiritual. A natureza humana frequentemente prefere a aparência à honestidade. Queremos parecer curados antes de estar curados. Queremos parecer fortes antes de ser fortes. Queremos projetar maturidade antes de a maturidade ter se desenvolvido completamente. Há algo dentro de todos nós que resiste à vulnerabilidade porque a vulnerabilidade parece arriscada. Tememos decepcionar os outros. Tememos parecer fracos. Tememos admitir que ainda lutamos em áreas onde gostaríamos de ter alcançado a vitória.

O notável no homem cego é que ele não finge. Não exagera sua condição. Não reivindica um milagre que ainda não recebeu. Não permite que a gratidão pelo que aconteceu impeça a honestidade sobre o que ainda precisa acontecer. Em vez disso, fala com notável transparência. Estou vendo pessoas; parecem árvores andando. Sua resposta reconhece o progresso enquanto simultaneamente admite a incompletude. Ele não está mais cego, mas ainda não vê com clareza. Algo mudou, mas algo ainda precisa de atenção. O milagre começou, mas ainda não alcançou sua conclusão pretendida.

Esse tipo de honestidade requer humildade. É mais fácil confessar cegueira total do que cura parcial. Quando alguém está completamente cego, todos entendem sua necessidade. Sua condição é óbvia. Sua dependência é visível. Sua fraqueza é inegável. No entanto, a cura parcial cria um desafio diferente. A pessoa melhorou o suficiente para parecer funcional enquanto ainda carrega problemas não resolvidos por baixo da superfície. Está melhor do que estava, mas ainda não é o que poderia vir a ser. É aqui onde muitos crentes se encontram espiritualmente.

Alguns experimentaram transformação genuína. Amam a Deus. Foram tocados por Sua presença. Viram vitórias em áreas onde antes experimentaram derrota. No entanto, ainda batalham certos medos, feridas, atitudes, hábitos ou padrões de pensamento. Não estão onde costumavam estar, mas ainda não estão onde Deus pretende que estejam. A tentação durante essa fase é se conformar. A tentação é chamar a melhora de completude. A tentação é parar de perseguir uma transformação mais profunda porque a condição atual é melhor do que a anterior.

No entanto, Jesus se recusa a deixar o homem em um estado de distorção. O Senhor não celebra a clareza parcial como se fosse visão completa. Não condena o homem por sua honestidade, nem finge que o processo terminou. Em vez disso, permite que a verdade se torne a porta para maior cura. Esse é um dos aspectos mais belos do caráter de Deus. Ele nunca se sente ameaçado por nossa honestidade. Ele já sabe o que vemos e o que não vemos. Ele já sabe onde somos fortes e onde somos fracos. Ele já sabe o que foi curado e o que ainda requer Seu toque.

Infelizmente, muitos crentes gastam uma tremenda energia protegendo uma imagem em vez de perseguir a transformação. Aprendem a falar a linguagem da vitória enquanto carregam em particular lutas não resolvidas. Tornam-se habilidosos em parecer espiritualmente saudáveis enquanto silenciosamente batalham problemas que nunca renderam completamente a Deus. Com o tempo, a atuação substitui a autenticidade. A imagem substitui a honestidade. A atividade religiosa substitui o crescimento genuíno. No entanto, a cura não pode acontecer em áreas que nos recusamos a reconhecer.

A confissão do homem cego nos ensina que a honestidade não é evidência de fé fraca. A honestidade é evidência de fé genuína. É preciso fé para admitir que Deus ainda está agindo. É preciso fé para confessar que você precisa de outro toque. É preciso fé para reconhecer que embora o progresso tenha acontecido, o processo não está completo. O inimigo quer que os crentes escondam suas lutas. Deus os convida a trazer essas lutas à Sua presença. O inimigo quer que finjem. Deus quer que sejam transformados.

Há outra lição oculta na resposta do homem. Note que ele compara o que vê com algo que já entende. Estou vendo pessoas como árvores. A distorção frequentemente ocorre quando interpretamos realidades presentes através de um entendimento incompleto. O homem pode ver movimento, mas não consegue interpretar com precisão o que vê. A imagem está presente, mas falta a clareza. Assim é frequentemente como opera a distorção espiritual. Recebemos informação, mas nossa percepção continua sendo afetada por experiências passadas, feridas, medos e

suposições. Vemos, mas nem sempre vemos corretamente.

O perigo dessa condição é que pode parecer suficientemente próximo da clareza para que paremos de buscar mais. A cegueira total cria desespero. A visão parcial frequentemente cria complacência. As pessoas se convencem de que porque estão melhores do que antes, não precisam mais de transformação mais profunda. No entanto, Deus nunca pretendeu que a melhora se tornasse o destino final. Seu objetivo não é meramente nos tornar funcionais. Seu objetivo é nos tornar completos.

É por isso que a autoavaliação honesta continua essencial ao longo da vida cristã. O crescimento requer rendição contínua. A maturidade requer exame contínuo. O Espírito Santo continuamente revela áreas onde mais clareza é necessária. Não para nos condenar, mas para completar a obra que começou. O homem cego nos ensina que o caminho para o segundo toque começa com a coragem de dizer a verdade sobre o primeiro.

- Sua honestidade não deteve o milagre.
- Sua honestidade o fez avançar.
- Porque às vezes o maior obstáculo para a cura completa não é a cegueira.
- É fingir que ver embaçado é suficientemente claro.

Minha Reflexão

SEÇÃO 9

Ver Pessoas Como Árvores

Marcos 8:24 (NVI)

Ele olhou para cima e disse: Estou vendo pessoas; parecem árvores andando.

A declaração do homem cego é uma das confissões mais fascinantes em toda a Escritura. Ele não está mais cego, mas tampouco está vendo corretamente. A luz entrou em seus olhos, mas a clareza ainda não entrou em sua percepção. Ele consegue distinguir movimento. Consegue identificar formas. Consegue reconhecer que há algo ali. No entanto, não consegue interpretar com precisão o que vê. Os homens parecem árvores. Os seres humanos parecem maiores do que a

vida. A realidade está distorcida. O problema não é mais a ausência de visão. O problema é a má interpretação da visão.

Essa distinção é criticamente importante porque a visão distorcida é frequentemente mais perigosa do que a própria cegueira. Uma pessoa cega sabe que precisa de ajuda. Uma pessoa cega entende sua limitação. Uma pessoa cega reconhece sua dependência. Mas uma pessoa com visão distorcida frequentemente acredita estar vendo corretamente quando não está. Sua confiança excede sua clareza. Sua percepção se torna sua realidade, mesmo quando essa percepção está com defeito. É por isso que a distorção espiritual pode se tornar uma arma tão poderosa nas mãos do inimigo. Satanás entende que se não consegue manter um crente completamente cego, tentará distorcer o que ele vê.

Uma das principais formas pelas quais a distorção se desenvolve é através da dor. A dor tem uma notável capacidade de remodelar a percepção. Uma pessoa que foi traída repetidamente começa a esperar traição. Uma pessoa que foi rejeitada começa a antecipar a rejeição. Uma pessoa que foi ferida por figuras de autoridade começa a desconfiar da autoridade. Uma pessoa que experimentou abandono começa a temer o abandono mesmo quando ele não existe. Com o tempo, as experiências passadas se tornam lentes através das quais as realidades presentes são interpretadas. As pessoas não mais respondem meramente ao que está acontecendo. Respondem ao que feridas anteriores as ensinaram a esperar.

É por isso que dois indivíduos podem experimentar exatamente a mesma situação e interpretá-la de forma completamente diferente. Um vê uma oportunidade enquanto outro vê uma ameaça. Um vê correção enquanto outro vê rejeição. Um vê paciência enquanto outro vê negligência. Um vê orientação enquanto outro vê controle. As circunstâncias externas podem ser idênticas, mas as lentes internas são diferentes. O que as pessoas carregam dentro de si mesmas inevitavelmente influencia como interpretam o que existe ao seu redor.

A confissão do homem cego ilustra esse princípio lindamente. Ele está recebendo informação, mas está processando essa informação através de uma visão incompleta. Está vendo a realidade, mas não com precisão. A imagem está presente, mas está distorcida. Em muitos sentidos, isso reflete a experiência de incontáveis crentes. Genuinamente amam a Deus. Genuinamente desejam a verdade. Genuinamente querem seguir a Cristo. No entanto, feridas não resolvidas, decepções, medos e suposições continuam afetando como interpretam tanto a Deus quanto aos outros.

Isso se torna particularmente perigoso nos relacionamentos. A visão distorcida faz as pessoas atribuírem motivos que não existem. As faz interpretar o silêncio como rejeição, a correção como hostilidade e o atraso como abandono. Magnifica ameaças enquanto minimiza a graça. Cria histórias que parecem verdadeiras mesmo quando não são. Relacionamentos inteiros podem ser danificados porque os indivíduos estão respondendo a árvores que acreditam ser pessoas e pessoas que acreditam ser árvores.

A mesma distorção pode afetar o relacionamento de uma pessoa com Deus. Muitos crentes lutam não porque Deus os falhou, mas porque estão interpretando as ações de Deus através da lente de dor anterior. Uma resposta atrasada se torna evidência de que a Deus não importa. Uma porta fechada se torna prova de que Deus os abandonou. Uma temporada difícil se torna confirmação de que Deus está os punindo. Os fatos não mudaram. A interpretação mudou. A visão distorcida faz as pessoas malinterpretarem o coração de um Deus que tem sido fiel o tempo todo.

Uma das maiores vitórias do inimigo ocorre quando pessoas feridas começam a construir teologia em torno de suas feridas em vez de em torno das Escrituras. Começam a definir a Deus pelo que as machucou em vez de pelo que Ele revelou sobre Si mesmo. Começam a ver o futuro através da lente de decepções anteriores em vez de através das promessas de Deus. O resultado é uma vida vivida defensivamente em vez de fielmente. O medo se torna o intérprete. A dor se torna o mestre. O trauma se torna a lente.

No entanto, Jesus não tirou o homem de Betsaida meramente para melhorar sua acuidade visual. Tirou-o para restaurar uma visão precisa. Cristo não estava interessado em ajudar o homem a funcionar com distorção. Pretendia remover a distorção completamente. Isso é importante porque Deus não quer simplesmente que vejamos mais. Ele quer que vejamos corretamente. A maturidade espiritual não é meramente o acúmulo de conhecimento. É o desenvolvimento da percepção piedosa. É aprender a ver a Deus, as pessoas, as circunstâncias e a nós mesmos através da lente da verdade em vez da lente do medo.

Muitos crentes passam anos orando por circunstâncias mudadas quando o que realmente precisam é de percepção mudada. Pedem a Deus que mova montanhas quando Deus está tentando curar os olhos que olham para as montanhas. Pedem que mude pessoas quando Ele está tentando mudar como as veem. Pedem que altere situações enquanto Ele está trabalhando para transformar a interpretação. O milagre que precisam nem sempre é externo. Às vezes é interno.

É por isso que o Espírito Santo trabalha continuamente dentro dos crentes para renovar a mente.

Romanos 12:2 (NVI)

Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente...

Note que a transformação está conectada à percepção renovada. Deus entende que até que mude a forma como vemos, a forma como vivemos lutará para mudar. Uma mente distorcida continuamente produzirá conclusões distorcidas. Portanto, a cura deve alcançar mais fundo do que o comportamento. Deve alcançar a percepção.

- *O homem cego nos ensina que ver não é suficiente.*
- *Devemos ver com precisão.*

- Devemos ver as pessoas com precisão.
- Devemos nos ver com precisão.
- Devemos ver nossas circunstâncias com precisão.
- Mais importante, devemos ver a Deus com precisão.
- Porque até que a distorção seja removida, continuaremos tomando decisões baseadas em imagens que estão presentes mas ainda não são claras.
- E Jesus nos ama demais para nos deixar viver em um mundo embaçado.

Minha Reflexão

SEÇÃO 10

O Segundo Toque

Marcos 8:25 (NVI)

Jesus colocou novamente as mãos sobre os olhos dele; então o homem enxergou com nitidez, e sua visão ficou restaurada. Ele estava vendo tudo com clareza.

Há algo profundamente encorajador no fato de que Jesus tocou o homem pela segunda vez. O segundo toque não foi evidência de que o primeiro havia falhado. Foi evidência de que Jesus não havia terminado. Com muita frequência, quando os crentes se encontram vivendo entre a promessa e o cumprimento, entre a melhora e a plenitude, começam a se perguntar se algo deu errado. Questionam sua fé. Questionam suas orações. Alguns até questionam o compromisso de Deus com eles. No entanto, a história do homem cego nos lembra que Deus não se desanima com o processo. O Senhor que começa uma obra também está comprometido a completá-la.

O milagre de Marcos 8 se destaca nos Evangelhos porque se desenvolve em etapas. Cada detalhe parece intencional. Jesus poderia ter curado o homem completamente com um único toque. Havia ressuscitado os mortos com uma palavra. Havia acalmado tempestades com um comando. Havia expulsado demônios instantaneamente. Nada dessa situação excedia Seu poder. Portanto, a natureza gradual do milagre não pode ser explicada por falta de habilidade divina. Deve ser entendida como uma lição deliberada. Cristo estava ensinando algo não apenas ao homem cego, mas também a todo crente que um dia lerá esse relato.

Uma das maiores concepções errôneas na vida cristã é a crença de que a transformação sempre acontece instantaneamente. Certamente Deus pode realizar milagres imediatos. Ainda o faz. Há momentos em que correntes se quebram num instante, vícios desaparecem num momento e fardos se levantam instantaneamente. No entanto, também há muitos casos onde Deus escolhe agir progressivamente. Transforma camada por camada, temporada por temporada e passo a passo. O milagre não é menos real porque se desenvolve gradualmente. O processo não diminui o poder de Deus. Revela a paciência de Deus.

Muitos crentes se frustram porque avaliam sua condição presente contra seu destino desejado em vez de contra onde Deus já os trouxe. Focam no que resta inacabado enquanto ignoram o quanto já mudou. O homem cego poderia ter se desanimado por sua visão embaçada, mas sua visão embaçada era evidência de que a cegueira não tinha mais a última palavra. Ele ainda não via claramente, mas via mais claramente do que antes. O progresso pode não ser perfeição, mas o progresso continua sendo evidência de atividade divina.

Essa é uma das razões pelas quais o inimigo trabalha tão arduamente para produzir desânimo. Quer que os crentes se obsessorem com o que ainda não aconteceu. Quer que ignorem cada sinal de crescimento, cada evidência de graça e cada passo de transformação. Quer que concluam que porque não terminaram, falharam. No entanto, as Escrituras apresentam consistentemente uma imagem diferente. Deus se especializa em pessoas incompletas. Cada figura importante na Bíblia era uma obra em andamento. Abraão ainda estava aprendendo fé. Moisés ainda estava aprendendo obediência. Davi ainda estava aprendendo arrependimento. Pedro ainda estava aprendendo humildade. Os próprios discípulos passaram anos sendo moldados, corrigidos e transformados por Cristo.

A beleza do segundo toque é que revela a persistência da graça de Deus. Jesus poderia ter deixado o homem com visão parcial. Afinal, ver pessoas como árvores ainda era uma melhora sobre a cegueira total. No entanto, Cristo se recusou a se conformar com a melhora quando a restauração estava disponível. Recusou-se a deixar o homem viver com distorção. Recusou-se a abandonar o processo na metade. O Salvador que iniciou o milagre permaneceu comprometido até que a obra estivesse completa.

Essa verdade deve trazer tremendo consolo a todo crente. Há momentos em que somos dolorosamente conscientes de nossas imperfeições. Reconhecemos áreas onde nossa fé é fraca, nosso entendimento é limitado e nosso crescimento parece incompleto. Durante essas temporadas, é fácil se desanimar. No entanto, o segundo toque nos lembra que o compromisso de Deus com nossa transformação é maior do que nossa consciência de nossas deficiências. Ele vê no que estamos nos tornando mesmo enquanto ainda lutamos com o que atualmente somos.

Note também que Jesus fez o homem olhar para cima novamente. A mesma postura de olhar para cima que apareceu após o primeiro toque continua sendo necessária após o segundo. Isso é significativo porque o crescimento requer expectativa contínua. O homem não podia receber maior

clareza enquanto retornava à postura do desespero. Precisava continuar olhando para cima. Precisava continuar confiando. Precisava continuar se posicionando em direção ao Único que o estava curando.

O mesmo princípio se aplica aos crentes de hoje. Muitas pessoas recebem um toque inicial de Deus e então param de buscá-Lo. Conformam-se com o crescimento parcial. Satisfazem-se com a clareza limitada. Param de buscar porque não estão mais cegos. No entanto, Jesus chama Seu povo além da mera melhora. Os chama em direção à maturidade, à plenitude e à transformação completa. A vida cristã não é simplesmente escapar da escuridão. É crescer em clareza.

O resultado final do milagre é notável.

Marcos 8:25 (NVI)

Sua visão ficou restaurada. Ele estava vendo tudo com clareza.

A palavra restaurada é importante. Implica que algo foi devolvido. Algo que havia sido perdido foi recuperado. Ao homem não foi simplesmente dada visão. Ele foi restaurado à visão correta. O que a distorção havia roubado, Jesus devolveu. O que a cegueira havia danificado, Jesus reparou. O que havia se tornado confuso foi esclarecido novamente.

Esse é o coração da redenção. Deus não simplesmente melhora vidas. Ele as restaura. Restaura a visão. Restaura a esperança. Restaura o propósito. Restaura a alegria. Restaura a fé. Restaura o que o pecado, a dor, a decepção e o quebrantamento tentaram roubar. A obra de Cristo não é meramente ajudar as pessoas a sobreviver. É torná-las completas.

- O segundo toque nos ensina que Deus não terminou simplesmente porque estamos melhores.
- Não terminou porque estamos funcionando.
- Não terminou porque estamos melhorando.
- Não terminou até que Sua obra de transformação alcance seu objetivo pretendido.
- O primeiro toque fez o homem melhor.
- O segundo toque fez o homem completo.
- E o mesmo Salvador que completou o milagre em Marcos 8 ainda está completando o que começa nas vidas de Seu povo hoje.

PREENCHA OS ESPAÇOS EM BRANCO

Preencha as afirmações usando palavras ou frases do estudo bíblico.

1. Deus frequentemente inicia milagres através de _____ emprestada.

2. A exposição a milagres não produz automaticamente _____.

3. A fé é confiar em Deus mesmo quando Seus _____ não coincidem com nossas expectativas.

4. Deus frequentemente dá _____ antes de dar revelação.

5. A primeira evidência de cura não foi a clareza, mas que o homem _____.

6. O homem cego foi honesto o suficiente para admitir: Estou vendo pessoas como _____.

7. Deus não quer simplesmente que vejamos mais; Ele quer que vejamos _____.

PERGUNTAS DE REFLEXÃO

Reflexão Pessoal

1. Quem foram as pessoas que o ajudaram a chegar a Jesus, e como a fé delas impactou sua jornada espiritual?

2. Ao olhar para trás em sua vida, você consegue identificar temporadas em que Deus o separou de certos ambientes antes de transformá-lo?

Você já se sentiu confortável estando perto das coisas espirituais sem permitir que Deus o

3. transformasse pessoalmente? Explique.

4. Quais ambientes, influências ou vozes mais moldaram sua visão espiritual?

Há uma área de sua vida onde Deus pode estar pedindo que confie em Seu processo mesmo

5. sem compreendê-lo completamente?

PENSAMENTO FINAL

O milagre de Marcos 8 não é meramente a história de um homem cego que recebe visão. É a história de todo crente que experimentou o toque de Deus mas ainda se encontra em processo. Nos lembra que a transformação é frequentemente progressiva, que a honestidade é essencial, que a visão distorcida pode ser curada e que Deus se recusa a abandonar o que começa. O mesmo Jesus que tirou o homem de Betsaida, o tocou, o questionou, corrigiu sua percepção e restaurou sua visão ainda está agindo nas vidas de Seu povo hoje. Seu objetivo não é meramente a melhora. Seu objetivo é a restauração. Seu desejo não é simplesmente que vejamos. Seu desejo é que vejamos com clareza.

Filipenses 1:6 (NVI)

...tendo plena confiança de que aquele que começou boa obra em vocês há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus.

Às vezes a oração mais espiritual que um crente pode orar não é: Senhor, toca-me.

Às vezes é:

Senhor, toca-me novamente.